Peregrinação à Irlanda:
Uma Via-Sacra na companhia dos seus grandes Santos

Por Teresa Vasconcelos

A senhora não conheceu <u>toda</u> a Irlanda se partir daqui sem ver chuva, nevoeiro, humidade entranhada nos ossos, cinzento por todo o lado.
(participante local numa missa)

No entanto passou-se exatamente o contrário: a nossa peregrinação organizada pela Capela do Rato entre os dias 8 e 14 de julho foi acolhida por uma ilha verde esmeralda plena de sol (sim, calor!), mar azul, abundante em vestígios celtas ou de anteriores habitantes – druidas – em pedra granítica dura espelhada em céu azul e luminoso. Disseram-nos: existem 44 palavras para definir tonalidades diferentes da cor verde. Que ramalhete!

A "sombra" sem dúvida existiu: foi a constatação da forma como Vikings, primeiro, e normandos e anglo-saxões do Reino Unido, depois, colonizaram e devastaram aquela ilha de tradições, dignidade e teimosia, música saudosa, danças e poesia cantada por vozes sublimes: Sinead O'Connor, Enya, Chieftains, os U2 com o vocalista Bono Vox; e escritores, como Swift, James Joyce, Bernard Shaw, Ruyard Kipling, Yeats, Samuel Becket, Seamus Heaney, venerados em estátuas, quais chefes guerreiros, marcados pela insularidade e pela necessidade de afirmar uma cultura muito própria.... face ao papel dominante da cultura inglesa. Também houve pobreza e fome, muita fome – veja-se a Grande Fome da Irlanda em meados do século XIX, provocada por uma praga que destruiu a colheita da batata e matou perto de um milhão de pessoas, obrigando outro milhão a emigar.

Breve informação sobre os Celtas.
A presença celta na Irlanda moldou profundamente a identidade da ilha a partir de cerca de 500 A.C. Não se pode falar de uma invasão maciça, apenas da sua influência nas populações locais através de redes de comércio atlântico e adoção gradual da língua. Os celtas tiveram sobretudo a sua origem na Europa Central, espalhando-se depois por grande parte do continente europeu. A cultura celta começou a desenvolver-se nas regiões que hoje correspondem ao sul da Alemanha, à Áustria e à Suíça, durante a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

Estes grupos foram migrando para outras zonas, ocupando a Gália (atual França e Bélgica), as ilhas Britânicas (como a Irlanda e a Grã-Bretanha) e a Península Ibérica. Os celtas eram um conjunto de tribos independentes que partilhavam tradições, crenças e línguas semelhantes. Por exemplo: na Galiza, Minho, Astúrias e norte de Portugal instalaram-se em povoados fortificados chamados *castros.* No planalto central da Península misturaram a sua cultura com os povos locais para formar os *celtiberos.* Os *Lusitanos* derivam exatamente dos celtiberos. Os Celtas viviam em aldeias muradas no alto dos montes com casas de forma redonda feitas de pedra ou madeira. Antes da chegada da escrita dedicavam-se à agricultura, à criação de animais, à pesca, mas também sabiam trabalhar o ferro, fabricando armas e ferramentas mais fortes do que as de bronze.

A cultura gaélica introduziu a língua, mitologias ancestrais, organizações territoriais. Por exemplo, o uso de nós celtas, as cruzes e espirais que todos conhecemos, refletem uma forte tradição artística que sobreviveu ao longo dos séculos em joias e manuscritos medievais. Antes das invasões vikings a ordem política que existia na Irlanda era gaélica. Nomeado pelos diferentes reis dos reinos da ilha existia um Grande Rei. Na Irlanda celta antiga as mulheres tinham direitos legais - o divórcio era legal - e papéis sociais significativos – médicas, poetas, profetisas - possuíam “bens sob certas condições” e exerciam “funções de liderança ou religiosas”, embora a sociedade fosse patriarcal. Figuras como rainhas guerreiras e deusa-mães (druidas, xamãs, deusas da magia) marcam profundamente a mitologia e a história da Irlanda.

No século VIII a Irlanda foi invadida pelos Vikings por via marítima e fluvial. Os rios irlandeses facilitavam a entrada rápida dos barcos pelo interior, com ataques inesperados a mosteiros costeiros que se foram expandindo a partir do século V. A cultura celta foi arrasada. Com o tempo os Vikings transformaram-se em colonizadores, fundaram as primeiras grandes cidades do país, como Dublin e Cork, introduziram a moeda e mudaram para sempre a economia, o comércio e a política da ilha. Dublin foi fundada em 841 d.C. e tornou-se um grande centro de comércio de escravos e mercadorias. Os Vikings roubavam o ouro que sabiam existir nos rios e nos mosteiros. Mas por volta do século XI o poder viking diminuiu após a insurreição dos reis locais, culminando na chegada dos normandos em 1169. A invasão normanda ocorreu entre 1169 e 1175. Liderada por mercenários normandos e pelo rei inglês Henrique II, a campanha começou com o desembarque em Wexford e Waterford. Declararam a região como

Senhorio da Irlanda, subordinado à coroa inglesa, o que levou à redução gradual do poder dos clãs gaélicos locais.

O Cristianismo na Irlanda

Que o caminho venha ao teu encontro.
Que o vento sempre sopre às tuas costas e a chuva
caia suave sobre teus campos.
E até que voltemos a nos encontrar, que Deus te
sustente suavemente na palma da sua mão (...)
(antiga bênção celta)

A chegada de São Patrício à Irlanda por volta de 450–500 d.C. iniciou a transição do paganismo celta para o cristianismo. A Igreja na Irlanda Incorporou o cristianismo na cultura celta, adaptando elementos da tradição local, criando um cristianismo celta único e um monaquismo bem específico e rigoroso, bem como uma rica produção de manuscritos com iluminuras (como o Livro de Kells).

A cruz celta é um símbolo antigo que surgiu muito antes do cristianismo. As interpretações da simbologia da cruz celta, com um círculo no centro, são várias e divergentes. Na Irlanda, uma lenda muito conhecida diz que "São Patrício misturou a cruz católica ao círculo, que seria o símbolo do Sol, cultivado pelos pagãos da época". Outras histórias dizem que o círculo é apenas um símbolo da eternidade ou ainda que a cruz sobre o anel representa a repressão do catolicismo feita às religiões pagãs. Outros historiadores alimentam a crença de que a cruz celta é um símbolo pagão, criado pelos celtas e apropriado pelos cristãos. Os Celtas não eram colonizadores. A sua religião era profundamente pacifista ligada de modo visceral e espiritual à terra, à natureza, salvo os normais conflitos entre as tribos. Apenas exportaram o seu monaquismo, a sua cultura e modo de viver, derramando-se por essa Europa fora e posteriormente pelas Américas.

A língua gaélica.

Muitos também chamam o gaélico
apenas de "Irish" — "língua irlandesa"

apesar de ser um dos idiomas mais antigos do mundo.

A língua gaélica refere-se a um grupo de línguas celtas insulares. As três principais línguas gaélicas vivas são o gaélico irlandês (falado na Irlanda), o gaélico escocês (falado na Escócia) e o gaélico manês (falado na Ilha de Man). Estas três línguas derivam de um ancestral celta comum levado da Irlanda para a Escócia e Ilha de Man há muitos séculos. Estas línguas possuem gramática, fonética e vocabulário totalmente distintos das línguas germânicas como o inglês. Existiam também diferentes dialetos locais. Na Irlanda fala-se principalmente *inglês* e *gaélico (*ou *irlandês).* O inglês é a língua usada por quase toda a gente no dia a dia, enquanto o irlandês é considerado na Constituição a *primeira língua* oficial do país. O estudo do irlandês é obrigatório nas escolas de todo o país, o que faz com que muitos habitantes tenham noções básicas do idioma.

Durante o reinado do rei Jaime IV da Escócia (1488-1513) foram criadas escolas de *bardos* que se tornaram um reduto para a cultura e o idioma gaélico, fortemente reprimido durante séculos. A partir de 1922, com a independência da República Livre da Irlanda, o irlandês passou a ser, juntamente com o inglês, o idioma oficial deste país. Durante a colonização inglesa foi proibido o ensino da língua celta nas escolas. A grande fome em meados do século XIX matou uma imensa quantidade de falantes da língua e fez tantos outros emigrarem do país. Não nos podemos esquecer, portanto, que a generalização da língua gaélica é uma conquista recente. Os irlandeses fazem gala em afirmar que o gaélico é a sua primeira língua: sintomaticamente quando saímos do avião todas as sinaléticas do aeroporto apareciam primeiro em gaélico e só depois, por baixo, em inglês. Foi por esses caminhos da ilha verde bordada a planícies e montanhas, de rios abundantes, vigorosos e fecundos, que peregrinámos atravessando a Irlanda de leste a oeste: de Dublin a Galway na costa oeste.

Decidi organizar este relato a partir dos nomes dos santos que encontrámos e "visitámos" ao longo dos dias. O modo de "peregrinação" que fomos vivendo assim o sugere, sobretudo pela devoção extrema que os cristãos irlandeses têm pelos seus santos. Não podemos esquecer que na maior parte do tempo em que viveram esses santos a Igreja era cristã *tout court*; não havia a divisão entre católicos e protestantes.

São Patrício

(...) *Levanto-me neste dia que amanhece,*
Pela força de Deus a me empurrar,
Pela força de Deus a me amparar,
Pela sabedoria de Deus a me guiar,
Pelo olhar de Deus a vigiar meu caminho,
Pelo ouvido de Deus a me escutar,
Pela palavra de Deus em mim falar,
Pela mão de Deus a me guardar,
Pelo caminho de Deus à minha frente,
Pelo escudo de Deus que me protege. (...)
(oração de S. Patrício)

S. Patrício **(dia 1)** é o grande santo padroeiro e bispo da Irlanda que chegou àquela ilha paradisíaca como escravo, vindo da Escócia. Foi um verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo como a oração em epígrafe demonstra. Batizou incessantemente todo o povo celta. Não posso esquecer o impacto que provocou em mim uma estátua numa das capelas laterais da catedral de S. Patrício: uma escura versão moderna e sugestiva do grande apóstolo com os braços estendidos na horizontal e umas mãos enormes e desproporcionadas a sugerir que ele foi o grande batizador e unificador do povo celta. Antes de S. Patrício chegar à Irlanda as inúmeras tribos celtas guerreavam-se entre si invocando os seus deuses e divindades.

A pregação de S. Patrício expandiu-se rapidamente. Conta a lenda que as tribos gaélicas se guerreavam violentamente entre si porque bebiam preparados de plantas que os tornavam mais violentos: S. Patrício, que carregara o seu almofariz vindo da Escócia preparou-lhes uma bebida à base de cevada e outras plantas correspondente ao malte do whisky ou da cerveja, que fortalecia os guerreiros, mas, tomada com moderação, evitava tanta violência. Pelo contrário, obrigava os chefes das tribos a sentar-se para negociações. Tal bebida miraculosa levou muitos celtas a converterem-se ao catolicismo. O símbolo do trevo corresponde à metáfora usada por S. Patrício: três folhas num só caule para referir a Santíssima Trindade.

A Catedral de S. Patrício do século XIII, em Dublin, a maior catedral da Irlanda, foi construída no local onde S. Patrício batizava os novos cristãos. É considerada a catedral nacional da Irlanda, reunindo católicos e protestantes. Bem perto da catedral está o *Trinity College*, a mais antiga universidade de Dublin, que guarda o famoso *Livro de Kells*: o manuscrito

do século VIII reúne os quatro Evangelhos e está cheio de iluminuras com motivos celtas de uma beleza extrema. Também foi objeto da nossa visita a biblioteca da universidade, a maior da Irlanda, com cerca de quatro milhões de livros. As estantes, "bordadas" a figuras brancas, mostram antigos professores da universidade, incluindo desde bem cedo mulheres de ciência, claro... Salienta-se a breve visita ao museu nacional da Irlanda, também localizado no centro da cidade, mostrando ouro pré-histórico irlandês, joias e cálices celtas, objetos votivos, mosaicos.

São Kevin

Que as minhas mãos e a minha presença
sejam sempre um porto seguro
e um ninho de abrigo para os mais frágeis (...).
E quando os dias forem longos e difíceis,
que a melodia do melro cante na minha alma,
trazendo uma promessa de renovação e de paz.
Amem!
(oração de S. Kevin)

São Kevin **(dia 2)**, abade de Glendalough: Foi um momento de emaravilhamento ao entrar no recinto da Igreja de São Kevin, em Glendaloug, verde escuro de árvores, sombras e arbustos e deparar com um poema de Seamus Heaney dedicado a este santo. Ao lado, um nicho em baixo relevo de madeira representando o santo de braços abertos com um melro a nidificar na sua mão. Tocante.

S. Kevin (S. Caimão) nasce por volta de 498 e estuda sob a orientação de monges, abraçando cedo a vida monástica. Fundou o famoso mosteiro de Glendalough, origem de várias outras fundações monásticas. Dirigiu-se a Clonmacnoise, onde São Ciarán havia morrido três dias antes, em 544. Aí estabeleceu firmemente a sua comunidade e retirou-se na solidão por quatro anos tornando-se eremita. Só regressou a Glendalough a pedido insistente de seus monges. Os seus seguidores eram tão numerosos que Glendalough se tornou uma verdadeira cidade no deserto (verde). A cela de São Kevin e a sua cama de pedra ainda podem ser visitadas.

A lenda conta que São Kevin se tornou famoso por estar ligado a um conto envolvendo um melro: segundo a história, enquanto São Kevin orava profundamente com as mãos estendidas, um melro fazia ninho na palma da mão e punha ovos. O santo permaneceu imóvel até que os filhotes se

revestissem de plumas e voassem. A lenda inspirou o poema "St. Kevin and the Blackbird" do poeta irlandês Seamus Heaney, prémio Nobel 1995:

E então houve São Kevin e o melro.
O santo está de joelhos, braços estendidos, dentro
da sua cela, mas a cela é estreita, logo
uma palma voltada para cima está fora da janela, rígida
como uma trave, quando um melro pousa
e nela põe ovos e acomoda-se para nidificar (...).
(Seamus Heaney)

Este poema (mais longo) evidencia temas de paciência, compaixão, uma relação harmoniosa com a natureza, a busca do silêncio, o caminho espiritual simples e dedicado ao bem comum, a atenção aos mais frágeis.

O monaquismo celta caracterizava-se por uma profunda ligação com todas as criaturas. A "lenda" de S. Kevin imóvel em oração enquanto alojava o ninho de melro na palma da sua mão é paradigmática desta ligação. Por isso o consideram o padroeiro dos ecologistas. E não podemos esquecer que S. Kevin viveu cerca de 700 anos antes de S. Francisco.

São Malaquias de Armagh

Ó ilustre São Malaquias, grande foi a bondade divina para contigo ao tornar-te tão humilde aos teus próprios olhos e tão nobre aos olhos de Deus. Sê para nós outro Moisés ou outro Elias, enchendo-nos com o teu espírito celeste. Ó luz que brilhaste nas trevas, iluminando as sombras da nossa terra de exílio com o esplendor dos teus méritos (...) guia-nos pelos caminhos da luz (...) para que possamos servir a Deus em santidade todos os dias da nossa vida. Amém.
(oração tradicional a São Malaquias inspirada nos escritos do seu amigo Bernardo de Claraval)

No dia 3, a visita levou-nos ao Alto da Cruz de Monasterboice, um verdadeiro museu ao ar livre de cruzes celtas artísticas, com especial atenção para as enormes e magníficas cruzes com baixos relevos contando as histórias de Adão e Eva, de Caim e Abel, do inferno e do paraíso, um sem fim de referências bíblicas. Na base de uma das cruzes um baixo relevo ilustrando dois chefes de tribos celtas saldando a paz com o gesto de agarrar

a longa barba um do outro: evidência da inculturação e do sincretismo da igreja cristã/católica celta com a cultura celta.

S. Malaquias de Armagh **(dia 3)** (1094–1148) foi um bispo e arcebispo irlandês, com o nome gaélico de *Máel Máedóc Ua Morgair*, tornou-se famoso pelas reformas na Igreja Católica da Irlanda, aproximando-a de Roma. Ainda na adolescência tornou-se abade de Armagh. Grande amigo e companheiro de S. Bernardo de Claraval veio a falecer na abadia de Claraval, em França, nos braços de Bernardo, quando ia a caminho de Roma. Foi canonizado em 1199. S. Bernardo de Claraval escreveu a biografia oficial da sua vida. Era um homem de oração, um místico e foi responsável por trazer para a Irlanda a ordem de Cister que veio a refundar a regra de São Bento. Segundo lendas, teria tido antevisões de que a Irlanda seria oprimida pela Inglaterra. Opôs-se, por exemplo, à nomeação hereditária de bispos e tentou eliminar o nepotismo e a corrupção, enfrentando resistência de famílias poderosas que controlavam os cargos eclesiásticos.

Visitámos ainda as ruínas da Abadia de Mellifont fundada por S. Malaquias de Armag. Situada num pequeno vale a enorme abadia, reduzida às paredes mestras, é demonstrativa do real poder e significado da ordem de Cister na Irlanda. Foi encerrada por Henrique VIII. Visitámos ainda a verde Hill of Tara (Colina de Tara). Traduzi a seguinte informação da internet: "A Colina de Tara é a joia da coroa da paisagem de Boyne Valley. O local tem estado em uso há mais de 5000 anos como cemitério e lugar de realização de assembleias de druidas. Tão importante e tão bela, a colina de Tara! Aí tomavam posse os Altos Reis da Irlanda. Desde há muitos séculos é o foco da identidade gaélica e mantém-se até hoje como o coração vivo da Irlanda". Esse coração vivo de um brilhante verde esmeralda é "atenciosamente guardado" pelos típicos burros da Irlanda que se dirigem mansamente aos turistas em busca de novos pitéus que não a sumptuosa relva. Encantador.

Santa Brígida de Kildare

Santa Brígida, eras uma mulher de paz.
Levaste harmonia aonde havia conflito.
Trouxeste luz às trevas.
Trouxeste esperança para os abatidos.
Que o manto da tua paz cubra

aqueles que estão perturbados e ansiosos,
e que a paz seja firmemente enraizada em nossos corações
e no nosso mundo.
Inspira-nos a agir com justiça
e a reverenciar
tudo o que Deus fez.
Santa Brígida, eras a voz dos feridos e cansados.
Intercede para que Deus nos dê as forças
de que tanto precisamos.
E para que possamos crescer a cada dia
numa maior integridade,
na mente, no corpo e no espírito.
(Oração tradicional a Santa Brígida pedindo-lhe que conceda paz àqueles que sofrem de ansiedade)

Falar em Santa Brígida de Kildare **(Dia 4)** é falar de uma de entre os três maiores santos da Irlanda, juntamente com São Patrício e São Columba. É uma santa muito amada na Irlanda e é invocada quase tanto quanto São Patrício; é também considerada padroeira da Irlanda (mother saint). Na Irlanda existe um dia de feriado (11 de Fevereiro) em honra de Brígida. A oração a Santa Brígida acima transcrita diz um pouco das razões da espiritualidade que ela evoca no cidadão/cidadã comum: aparece como uma figura profundamente maternal, plena de cuidado pelos outros, nomeadamente os que mais sofrem em espírito.

Brígida de Kildare era filha de uma escrava e do rei de uma tribo celta. Nasce em Dundalk, em 451, e terá morrido em 525. A sua história faz parte do folclore pagão celta: existiria uma deusa druida do mesmo nome, Brigid, eventualmente associada à cultura e proteção. Santa Brígida foi responsável por transformar e converter o templo pagão da deusa gaélica Brigid em mosteiro cristão que recebeu, assim, o seu nome. Brigid para os "pagãos" era a deusa do fogo. A mãe, escrava de um chefe tribal foi batizada por São Patrício, tornou-se uma fervorosa cristã, transmitindo à sua filha esse profundo fervor. Discípula de São Patrício, Brígida acaba por se tornar monja e terá fundado vários mosteiros, o principal deles foi o de Kildare de que pudemos visitar a catedral, presentemente usada para o culto anglicano e servindo de museu.

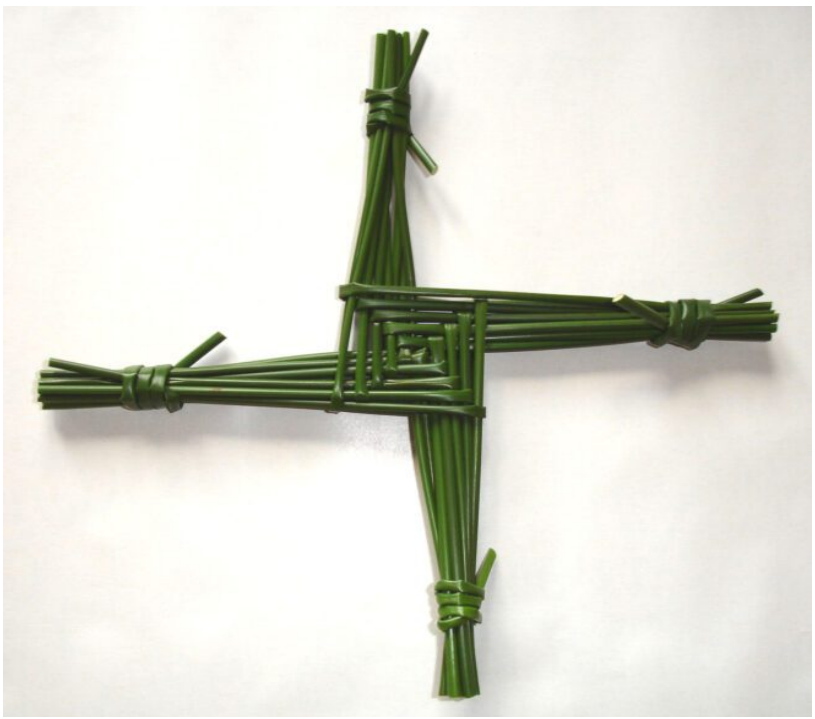
A catedral gótica do século XIII, com magníficos vitrais representando a vida de Santa Brígida, foi construída no local onde a Santa fundou um mosteiro

no século V de origem tradicional celta. Curioso foi ver à entrada da catedral uma reprodução em "maquette" (protótipo) do mosteiro celta. A lenda afirma que o bispo prometeu a Brígida um pequeno terreno da amplitude do seu manto circular. Por "milagre", o manto foi-se alargando, alargando... até passar a ser um magnífico terreno. No centro está uma igreja em madeira. De um lado do campo havia o "bairro" das irmãs; no outro, o "bairro" dos monges: pequenas cabanas circulares em adobe e teto de colmo. Numa zona mais isolada está o abrigo circular do bispo rodeado de cabanas pequenas para monges mais idosos. Não podemos esquecer que a abadessa era Santa Brígida que vivia numa cabana maior. O amplo espaço incluía cozinhas e sala de refeições, pequenas hortas domésticas, um forno para o pão, uma área para trabalho no ferro, um hospital e uma escola de crianças. E, claro, junto à igreja, o "scriptorium", local onde se copiavam manuscritos e se faziam iluminuras (monges e monjas). O mosteiro era semelhante a uma antiga aldeia celta. Havia também um amplo espaço para manter o fogo, ao jeito da tradição dos antepassados, que se mantinha aceso dia e noite. O fogo é um importantíssimo símbolo da cultura celta adorado pelos mais antigos. De salientar que Brígida nunca autorizou a que fosse deitado abaixo ou danificado um imenso carvalho que era objeto de culto por parte de druidas. A inculturação e o sincretismo religioso existiram na Irlanda desde os primeiros séculos do cristianismo.

Ao lado da catedral existe uma imponente torre circular medieval de 33 metros de altura destinada a defesa. Perguntamo-nos como é que Brígida, filha de uma escrava chegou à construção do seu próprio mosteiro. E que mosteiro! Segundo a lenda, desde a mais tenra idade Brígida manifestava uma profunda sensibilidade aos pobres e aflitos. Aos 7 anos de idade chegou a casa vestida com um "manto" de folhas de árvores da floresta porque havia dado a sua túnica a um pobre. Era considerada uma criança afável, mas determinada e convincente. Progressivamente a sua generosidade foi aumentando a ponto de esvaziar o alqueire de farinha da casa paterna, fazer desaparecer o leite e a manteiga e até dar as joias a uns leprosos para que se curassem. O pai, "pagão" que a tinha prometido a um poeta da sua corte porque era muito bela, perante a insistência de Brígida e as perdas financeiras com impacto no seu bom viver, acaba por a deixar sair de casa para ir fundar um mosteiro em Kildare com algumas jovens seguidoras. Mas o mosteiro era também aberto a monges guiados pela sua liderança de abadessa. O próprio bispo residente também lhe era obediente. Brígida levava uma vida simultaneamente contemplativa e ativa; cuidava dos pobres e dos doentes; ensinava ofícios aos camponeses

incluindo o fabrico da cerveja[1]. A comunidade monástica mista garantia, ainda, uma escola para as crianças aprenderem a ler e escrever, não deixando de fazer o seu trabalho de copiar livros sagrados no *scriptorium*, ricamente decorados com iluminuras, sem descurar uma vida profunda de oração. Santa Brígida era uma boa bebedora de cerveja e contam-se muitos milagres dela relacionados com esta bebida.

Apenas duas palavras sobre a cruz de Santa Brígida. A cruz é feita de juncos verdes entrelaçados e um nó celta no centro; é usada todos os anos no seu dia, 1 de fevereiro. A tradição manda colocar uma cruz à porta ou no teto de cada casa para garantir as bênçãos da Santa para o ano inteiro. No ano seguinte queima-se a cruz antiga que foi amarelecendo ao longo do ano, colocando uma nova cruz. Reza a lenda que Brígida, ao querer acompanhar um homem não-crente na sua morte, construiu ela própria aquela cruz. Também se diz que se tratava da morte do seu pai.



Deliberadamente dei muitos detalhes sobre Santa Brígida: não só pela minha identificação com ela enquanto líder feminina e cuidadora dos pobres, mas porque, a pedido do padre António, tive a oportunidade de

[1] Na Idade Média, a água potável nem sempre era segura, e a cerveja (de baixo teor alcoólico feita de grãos fermentados) era uma fonte nutritiva essencial e segura de hidratação.

preparar para o nosso grupo de peregrinos uma reflexão sobre esta santa, o que pressupôs uma ampla e confesso que muito estimulante pesquisa antes da viagem.... e que os outros santos me perdoem pelo entusiasmo.

Ainda no **dia 4** chegada a Galway ao fim da tarde. Estamos finalmente do outro lado da ilha, na costa oeste. Visitamos a cidade atravessada por um rio abundante de água, o Rio Corrib (em irlandês: *Abhainn na Gaillimhe*) com apenas cerca de 6 quilómetros de extensão, ligando o Lago Corrib à Baía de Galway, sendo conhecido por ser um dos rios de fluxo urbano mais rápidos da Europa. Era domingo, continuávamos abençoados por um fim de tarde soalheiro, transparente e verde. Muita gente nas ruas usufruindo dos relvados, muitos jovens, alguns imigrantes. Os pubs das ruas centrais estavam numa grande animação: havia um festival de cinema (Galway Film Fleadh) e outro de música nos arredores (Kilkolgan) que trouxeram muitos forasteiros à cidade. Perto do centro histórico, nas margens do rio Corrib, visitámos a catedral neo-gótica combinando estilos renascentistas e góticos, inaugurada em 1965.

No hotel, depois do jantar, alguns de nós ficámos no bar a conversar. Era o jogo Inglaterra-Noruega do Mundial de futebol. Interessante constatar como os jovens, incluindo os que nos serviam, estavam, claro, a "torcer" pelos noruegueses. "Evidentemente", explicaram eles. "Nunca poderíamos apoiar o UK". Ganhou o Reino Unido. Vários foram "de luto" para a cama depois de beberem mais umas cervejas ou uma garrafa de sidra.

São Colmán

Oh São Colmán,
mencionar apenas o teu nome santo
traz bênçãos multiplicadas por cem.
Pedimos humildemente a tua poderosa intercessão
pelo restauro e multiplicação dos santos mosteiros
e o regresso a um catolicismo por toda a Irlanda
e por toda a cristandade. Amen.
(Oração a S. Colmán, adaptada)

Após celebração da eucaristia dominical na paróquia de Balinderren, partimos para visitar as ruinas do mosteiro de Kilmacduagh, fundado por S. Colmán (S. Colmão) **(dia 5).** Foi um centro monástico medieval com um mosteiro e sete igrejas hoje completamente em ruínas, reduzidas a pouco

mais do que as paredes mestras. Além do cemitério, encontram-se importantes vestígios celtas (entre outros, as cruzes celtas, pedras com inscrições muito antigas, capitéis e arcos em ogiva). S. Colmán foi poeta e bispo que no século VI, de uma forma muito bela, cruzou a arte com a fé. Antes de abraçar o Evangelho foi poeta da corte, partilhando depois a luz de Cristo através da poesia e do ensino. A sua vida é espelho de como a criatividade e a espiritualidade podem emergir da mesma fonte.

No século XIII, Kilmacduagh era uma comunidade monástica florescente. A tradicional torre defensiva (34 metros) com cerca de mil anos aparece intacta apesar dos sucessivos ataques de vikings, normandos e ingleses. Literalmente, à sombra desta torre rezámos uma oração evocativa de S. Colmán. Estas torres (vimos várias perto de outros mosteiros) tinham um papel fundamental não apenas na defesa contra invasores, mas também de refúgio para aqueles que nelas se alojavam. Os andares superiores podiam ser salvaguardados através de uma escada que era retirada quando os invasores chegavam. No século XIII, sob domínio inglês, Kilmacduagh tornou-se sede de uma diocese e foi entregue à ordem de S. Agostinho. Com Henrique VIII, todo o conjunto monástico foi destruído.

Em Moher aguardavam-nos as célebres Falésias a uma altura de 200 metros acima do nível do oceano Atlântico ao longo de 8 a 14 quilómetros – uma beleza surpreendente depois de visitarmos uma abadia fundada por um monge-poeta. Era domingo e o "sítio" turístico estava cheio de visitantes, muitos deles irlandeses vindos em autocarros de Dublin. As *Falésias de Moher (Cliffs of Moher)* são uma famosa atração natural na Irlanda. Elas ficam no condado de Clare e chegam a 214 metros de altura sobre o mar. Magnífica vista. Uma torre de pedra no ponto mais alto oferece uma perspetiva ainda mais ampla. O Centro de Visitantes, um espaço escavado na rocha, mostrava exposições explicativas e um filme interativo sobre a fauna e flora local, sobretudo as aves marinhas que nidificam nas falésias. O dia estava extremamente limpo e ao longe viam-se as ilhas de Aran na Baía de Galway. Um tempo lento e saboreado para contemplar toda aquela beleza à medida que nos abstraíamos da onda de visitantes

S. Bento

"*An'as it blowedI often looked up at the sky*
an' assed meself the question,
what is in the stars, what is in the stars?
(Sean O'Casey, 1880-1964)

(E quando [o vento] soprava/ eu muitas vezes/
olhava para o céu/ e perguntava a mim mesmo/
o que é que está nas estrelas/
o que é que está nas estrelas?)

A abadia de Kylemore (Connemara) **(dia 6)** é um projeto espiritual das irmãs Beneditinas (doze monjas) desde 1919. Fomos recebidos pela prioresa. O Mosteiro neo-gótico (construído originalmente como um castelo) estende-se nas margens de um lago com um extenso parque. Está magnificamente restaurado como museu da história das beneditinas naquelas terras. Interessante que a visão das monjas as tenha levado a transformar o mosteiro num centro ecológico com um Jardim Vitoriano Murado: Um grande espaço verde restaurado com estufas históricas e plantas ornamentais. Em agosto de 2024, construíram um novo mosteiro na propriedade, o Mosteiro da Imaculada Conceição, tornando-se o primeiro mosteiro beneditino feminino da Irlanda. As 15 monjas, que residiam num terreno da abadia, mudaram-se para o novo mosteiro. Além de trabalhar na propriedade, produzem chocolates, inventivos sabonetes e remédios naturais para venda. A partir de 1993, a antiga abadia e seus jardins foram abertos ao turismo.

Desta vez fizemos uma longa caminhada – foi mesmo uma caminhada/peregrinação – à volta de um lago de uma beleza invulgar, complementada por uma localização magnífica, rodeado de montanhas. A caminhada foi longa, por vezes íngreme e desgastante para os mais velhos. Mas nenhum de nós desistiu. Alguns fomos mesmo "estóicos"... mas também experimentámos a nossa fragilidade e a forma como os outros estão atentos para nos ajudarem. Peregrinar também é isso: estar atento; estender a mão e ajudar. Durante a missa na igreja moderna, envolvidos por uma magnífica via-sacra em baixo relevo, participámos na doação de uma mulher leiga como oblata beneditina.

Ainda no **dia 6** fizemos uma primeira visita, que incluiu nova experiência comunitária - rezar conjuntamente o terço – à entrada do importante Santuário de Knock: Maria, José com João Evangelista apareceram a um grupo de camponeses em 1879. Na Irlanda e em toda a diáspora existe uma grande devoção a esta aparição de Nossa Senhora. Na moderna e enorme basílica circular tocou-me especialmente a estátua imaculadamente branca da Senhora de Knock, colocada num andor florido. A um primeiro olhar

pareceu-me uma divindade celta com uma coroa brilhante semelhante a um losango subida na parte da frente, pousada sobre os cabelos soltos e compridos, braços e mãos levantados ao nível do peito em oração. O vestido de cintura subida lembrava uma deusa celta e o manto branco e elíptico que a envolve prolonga-se tapando-lhe um dos pés e deixando-lhe os cabelos dispersos nas costas.

Nossa Senhora de Knock

Nossa Senhora de Knock, Rainha da Irlanda, destes esperança ao nosso povo em momento de angústia e conforto na tristeza.
Inspiraste muitos peregrinos a rezar com confiança ao vosso Filho divino, lembrando a Sua promessa.
Ajuda-me a lembrar que somos peregrinos no caminho para o céu (...).
Amen.

Já "apresentados" a Nossa Senhora de Knock voltámos no dia seguinte **(dia 7)** para a eucaristia. Esta realizou-se numa capela mais pequena, tão transparente que parecia um aquário com o sol atravessando os vidros: nós como que mergulhando nele, contemplando, desta vez, não apenas a imagem de Maria mas também a de José e a de João Evangelista, todos de braços erguidos em oração. Um altar ao lado das três silhuetas com um cordeiro e uma cruz envolvidos por anjos faz parte do quadro da aparição descrita pelos camponeses. A aparição foi a 21 de agosto de 1879 na "empena"[2] lembra que as quinze testemunhas locais, de várias idades, relataram ter visto a Virgem Maria, São José e São João Evangelista sob uma forte chuva. Mas não se molhavam. Segundo eles, a aparição foi silenciosa, nenhuma palavra foi dita, nenhuma mensagem foi anunciada.

Abadia de Boyle

Continuamos no dia **(dia 7):** A última etapa da nossa peregrinação foi às ruínas da Abadia de Boyle**,** mais um importante mosteiro cisterciense do século XII. Fundada em 1161, destaca-se pela sua arquitetura medieval bem preservada com curiosos detalhes em pedra esculpida. A visita foi orientada por um jovem guia local que nos forneceu detalhadas explicações. A abadia foi fundada em 1161 por monges da Abadia de Mellifont. Foi considerada a primeira fundação cisterciense bem-sucedida na Irlanda. Sofreu e

[2] Parte superior triangular da parede exterior da igreja que acompanha a inclinação do telhado

ocupações ao longo dos séculos, incluindo forças de Cromwell que, em 1659, fizeram dela o seu quartel militar. A abadia apresenta uma mistura de estilos arquitetónicos numa composição muito original com arcos e colunas esculpidas por artesãos locais: uma arte popular ingénua e rica. Curioso foi verificar estar praticamente reduzida às paredes mestras. No entanto colunas e arcos em ogiva da construção original, emergiam do interior daquilo que deve ter sido o claustro.

E foi também ao ***7º dia***, de regresso ao fim da tarde a Lisboa, que este grupo de peregrinos descansou, já em suas casas, confortáveis nas suas camas, ainda impregnados pelos sete longos dias na Irlanda e já com saudades e um amplo sentimento de plenitude e gratidão.

Não podemos esquecer as celebrações eucarísticas de cada dia, por vezes celebradas pelo Padre António, ou em concelebração, animadas pelo coro dirigido pelas "animadoras-maestras" do grupo. As homilias do padre António eram profundas e direcionadas para o santo do dia – fruto da extensa pesquisa a que nos tem habituado -. As lindíssimas pagelas que ia distribuindo com uma oração do ou ao santo do dia são exemplo disso. Tenho de sublinhar o cuidado desvelado que o Padre António pôs em toda esta peregrinação, salientando a sua atenção ao grupo no seu todo e a cada um de nós, sentido de humor e alegria plena. Partilho, entre parêntesis um breve episódio característico de quem é o padre António: a visita à abadia de Melifont - em que, devido à falta de tempo, obedientemente apenas pudemos contemplar de longe e de cima o vale que albergava as ruínas da Abadia, vemos, saltitando e literalmente esvoaçando entre as pedras, no seu chapéu de ampla aba e camisa branca... quem? O nosso guia espiritual, a figura de referência e exemplo de rigor e disciplina. Sim, mal acreditámos: era o Padre António! A sua atração cisterciense fê-lo perder disciplina e autoridade... E viva o Padre António, o único de nós que não cumpriu a regra!

Numa das noites, perto de Galway tivemos um encontro com Seamus Lynch, formador de professores de religião e moral, que nos apresentou dados preocupantes sobre o abandono da prática religiosa na Irlanda, sobretudo por parte de jovens. A sua esperança era que a identificação dos jovens com S. Carlo Acutis pudesse inverter esta tendência. Falou em casos recentemente descobertos de abandono, morte e abuso de bebés e crianças mas verificou-se um grande "pudor" em abordar mais diretamente

a problemática dos abusos por parte do clero que sabemos bem pública e controversa na Irlanda.

Noite no pub

Sim, não podia deixar de ser. Passámos uma alegre noite num pub, saboreando comida irlandesa e conversando, enquanto fomos ouvindo uma típica banda de outros tempos com os instrumentos típicos, vozes magníficas de homens maduros com canções tradicionais – algumas "de protesto" e de crítica social. Apesar da dor, sempre muita alegria: um grupo de jovens raparigas e rapazes brindou-nos com algumas das típicas danças irlandesas que são uma expressão cultural celta enérgica e rítmica, famosa mundialmente pelo sapateado rápido (*stepdance*), tronco rígido e braços alinhados ao corpo... Para nós que consideramos que as danças folclóricas do norte de Portugal são de origem celta, pasmamos como é possível fazer aqueles passos e saltos elaborados sem mexer um milímetro que seja o corpo da cintura para cima... incluindo os braços.

Um passeio pelos símbolos Celtas

Para quem ainda tiver curiosidade e tempo para continuar esta leitura a Irlanda guarda ainda traços das civilizações celtas de forma evidente até os dias de hoje. A rica mitologia desses povos alimenta histórias como as do Rei Artur, Avalon e também a Espada de Excalibur e o mito da busca do Santo Graal. A cultura celta, embora recheada de rituais até hoje desconhecidos e polémicos, era uma das mais avançadas do seu tempo: os celtas tinham traços artísticos muito fortes e conheciam bem a astrologia e a astronomia. Para realizar os seus rituais e canalizar as energias mágicas, criaram alguns símbolos que são referência na Irlanda até hoje. Como os celtas deixaram pouca coisa escrita, é difícil precisar o significado deles. Muitos são apenas deduções mas despertam curiosidade e encanto.

A **Harpa**

A harpa irlandesa (*cláirseach*), ou harpa celta, é o símbolo nacional oficial da Irlanda. Representa a cultura e a resistência do povo irlandês há séculos. É um instrumento de cordas tradicional com uma sonoridade doce, historicamente associado aos bardos e reis gaélicos. A Irlanda é o único país do mundo a ter incluído na sua bandeira um instrumento musical como emblema nacional.

As **Willean Pipes**, gaita de foles, património imaterial da UNESCO, com um fole bombeado pelo cotovelo, com um fole debaixo do braço. É tocada sentado, com o tubo da melodia (chanter) apoiado na perna.

As Espirais

As espirais são uma grande marca da cultura celta. Representam o movimento da energia, as fases cíclicas e são símbolos poderosos. Podem aparecer simples, duplas ou triplas. Estão presentes em várias expressões religiosas e culturais, inclusive na cultura grega. Podem ser representadas no sentido dos ponteiros do relógio e vice-versa. A junção de três espirais é um antigo símbolo indo-europeu, também usado pelos germânicos e gregos. O número 3 era considerado sagrado pelos celtas e a tríade está repleta de significados diferentes: o céu, o mar e a terra; o corpo, a mente e o espírito; primavera, verão e inverno; as três faces da deusa: donzela, mãe e anciã; o nascimento, a vida e a morte. Foi apropriado pelo cristianismo celta como símbolo trinitário. Em todos eles, há a representação do movimento e do equilíbrio.



O **Nó Celta.**

Novamente uma tríade, as três pontas entrelaçadas estão associadas à deusa-mãe. Mais tarde foi adotado pelos cristãos para simbolizar a Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Outras representações desses nós também são encontradas em peças de arte celtas, com diferentes significados. Acredita-se que os nós representam a ligação entre as energias da natureza. Os dois braços em vimes da cruz de Santa Brígida, na sua versão original, eram unidos por um nó celta.



A **Cruz Celta**

Em todo o lado, em cada recanto da Irlanda, sagrado ou profano, dentro das igrejas, nos cemitérios, como cruzeiros à beira da estrada, como pendentes ou medalhas para o pescoço, deparamo-nos com as cruzes celtas. Como no início foi dito esta cruz "é um símbolo antigo que surgiu muito antes do cristianismo. As interpretações da simbologia da cruz celta, com um círculo no centro, são várias e divergentes. Na Irlanda, uma lenda muito conhecida diz que "São Patrício misturou a cruz católica ao círculo, que seria o símbolo do Sol, cultivado pelos pagãos da época". Outras histórias~~,~~ dizem que o círculo é apenas um símbolo da eternidade, ou ainda que a cruz sobre o anel representa a repressão do catolicismo às religiões pagãs. Outros historiadores alimentam a crença de que a cruz celta é um símbolo pagão, criado pelos celtas e "roubado pelos cristãos".



A **Árvore da Vida**

Como os celtas reverenciavam a natureza, as árvores eram sagradas para eles. As raízes cravadas na terra e o ciclo da vida representado na árvore eram fortes simbologias. Porém a árvore da vida não é exclusividade dos celtas. Assim como outros símbolos, ela aparece em muitas outras culturas e religiões. “A árvore da vida celta, conhecida como *Crann Bethadh*, é um símbolo sagrado de harmonia, equilíbrio e ligação entre mundos. Ela representa a união entre a terra, o céu e o submundo através das suas raízes e galhos.” “Significa conexão: as raízes fundem-se à terra profunda, enquanto os ramos tocam o céu, unindo os reinos espirituais e físicos; o ciclo da vida: o desenho em círculo reflete o fluxo contínuo do nascimento, morte e renascimento; o respeito ancestral: os druidas acreditavam que cada árvore possuía um espírito próprio e cortar uma árvore sagrada era um crime grave.



Referências

Ó Ríordáin, J. J. (2017) *Brigid of Ireland: The saint and the goddess.* Limerick: CSsR.

Reverte, J. (2014). *Canta Irlanda: Un viaje por la isla esmeralda*. Barcelona: Penguin Random House (DeBolsillo).

Simms, G.O. (1986). *The Book of Kells.* Dublin: Trinity College.

Vários sítios na internet, usando palavras-chave.

